

Os Escritos nos Banheiros da Universidade Estadual de Maringá, a Partir das Discussões de Gênero¹

Heloísa Ferreira GENTIL²

Ana Cristina Teodoro da SILVA³

Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo levantar e analisar o conteúdo comunicativo de frases escritas nas cabines de seis pares de banheiros, dentro do campus sede da Universidade Estadual de Maringá, sob âmbito das discussões de gênero e sexualidade. Através de uma perspectiva feminista, o trabalho dialogou com as autoras: Butler (2003), Beauvoir (1970), Louro (2000) e o autor Michel Foucault (1976). As relações de poder presentes, o biopoder e a heterossexualidade compulsória são questões presentes na sociedade, evidenciadas dentro dos banheiros estudados. Através dos estudos pode-se observar que a heterossexualidade compulsória opera através de vários dispositivos e também que a comunicação e a linguagem são ferramentas de manutenção da lógica binária.

PALAVRAS-CHAVE: Escritos de banheiro; Gênero; Feminismo.

TEXTO DO TRABALHO

1 Introdução

O espaço dos banheiros, em instituições públicas como a Universidade Estadual de Maringá, apresentam diferentes expressões através de frases escritas nas paredes, garantidas pelo anonimato. Destaca-se que o objetivo inicial da pesquisa, era entender o porquê que tais frases foram escritas levando em conta questões de gênero e sexualidade. Para compreender melhor os escritos dentro da Universidade Estadual de Maringá, faz-se necessária uma passagem, mesmo que breve, aos escritos equivalentes

¹ Trabalho apresentado na IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

² Acadêmica do Curso de Comunicação e Multimeios UEM, e-mail: gentil.helouem@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso de Comunicação e Multimeios UEM, e-mail: prof.anauem@yahoo.com.br

na história e as questões de gênero e sexualidade, trazendo então a análise a arquitetura dos banheiros.

Adentrar aos banheiros da universidade foi uma tarefa interessante e desafiadora. Os banheiros na UEM não são mapeados, dificultando o uso da comunidade externa à Universidade. A maioria dos banheiros passou por reformas nos últimos anos, evidencia-se então, que as frases foram escritas recentemente. A construção dos dados foi feita por meio de fotos e transcrições de grafitos em 6 pares de banheiros dentro do Campus Sede, respectivamente: M05, H12, H78, G56, 039 e 041.

Partindo do pressuposto de Guacira Lopes Louro de que o gênero e a sexualidade são expressões construídas ao longo da vida, “A sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. O segundo, ao fato de que a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.” (LOURO, 2000 p. 2)

O projeto retrata um diálogo dos escritos de banheiro, transcritos e catalogados, sob análise dos estudos das autoras: Butler (2003), Beauvoir (1970), Louro (2000) e o autor Michel Foucault (1976). A fim de investigar o fenômeno comunicacional dos grafitos de banheiro e as relações de poder presentes nas discussões de gênero, a pesquisa questionou inicialmente quais arranjos de gênero são manifestos nos banheiros da Universidade Estadual de Maringá e que significados políticos expressam.

2 Desenvolvimento

2.1 Muito além das cabines sanitárias: discussões acerca de gênero e feminismo

Os sanitários, estando em ambientes públicos, contam historicamente com uma divisão binária, representada pelos termos “feminino” e “masculino”, para utilizá-los então é necessário um reconhecimento, o reconhecimento de ser homem ou ser mulher. Judith Butler (1990), em seus estudos, evidencia como a binaridade presente na sociedade, em amplos aspectos históricos, traz o feminino atrelado ao ser mulher e o masculino ao ser homem, traçando um paralelo e incumbindo sexo e gênero de forma interligada, "A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a

crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito." (BUTLER, 1990, p. 24).

A separação binária representa o sistema compulsório ao qual a heterossexualidade opera. Butler, ainda chama a atenção para que o sexo não pode ser entendido como reflexo do gênero, "O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos." (BUTLER, 1990, p. 200)

O gênero, por conseguinte, é a construção cultural variável do sexo. Para Butler a distinção entre sexo e gênero, parte do pressuposto que "por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído, consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quando o sexo." (BUTLER, 2003, p. 24)

Assim sendo, o gênero é a interpretação múltipla do sexo. Butler chama a atenção para a forma com que o binário é um ativo limitante. "Se o sexo não limita gênero, então talvez haja gêneros, maneiras de interpretar culturalmente o corpo sexuado, que não são de forma alguma limitados pela aparente dualidade do sexo." (BUTLER, 1990, p. 163)

Desse modo, a representação binária não contempla a variedade de gêneros. A placa restritiva nas portas dos banheiros, comprova a normatização de um sistema heterossexual ao qual opera a sociedade ocidental. Louro (2000) em seus estudos, verifica como as interpretações de gênero que não são representadas dentro do limite do heteronormativo, são vistas de forma marginalizada "As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade." (LOURO, 2000, p. 3)

Guacira Lopes Louro, explicita como a identidade de gênero e identidade sexual são construídas socialmente, sob o contexto de uma determinada cultura, moldadas e construídas pelas redes de poder de uma sociedade. Tais relações de poder, demonstram como o poder é uma relação de forças. O biopoder, controle dos corpos, manifesta-se como mecanismo no jogo de relações de poder, tendo como princípio a organização da vida social. Por biopoder, parte-se dos estudos de Maia (1995) a Michel Foucault, em

que o autor apresenta que “Estes diversos processos que acarretaram uma progressiva organização da vida social, através de meticulosos rituais de poder que tem como objetivo o corpo, se deram através do que Foucault caracterizou como biopoder.” (MAIA, 1995, p.93).

O biopoder, sendo um mecanismo de controle dos corpos, é um fenômeno estudado por Foucault (1976) em que a partir do século XVIII, manifesta-se na sociedade ocidental uma necessidade de se estudar o sexo, contabilizando, controlando e especificando os corpos. Michel Foucault fala, que é como se regesse uma “polícia do sexo”, em que há a necessidade de regular o sexo por meio de discursos públicos. O sexo passa a ser então visto aos olhos do estado como um problema a ser resolvido, através do controle de natalidade e o controle populacional.

Se a partir do século XVIII, cumpre-se a falar do sexo, quem fala sobre sexo? “cumpre falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar mas gerir, inserir em sistemas de utilidade, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo.” (FOUCAULT, 1976, p. 27)

Michel Foucault em seus estudos, ressalta o fato de que, quem fala sobre o sexo, no século XVIII, são os médicos e o governo. O discurso normativo rege de maneira a controlar e contabilizar, fala-se de sexo nos ambientes em que a norma rege, vigia-se o casamento, a natalidade, a forma com que cada corpo usa seu sexo. A partir do século XVIII até os dias de hoje pode-se notar a estrutura biopolítica de controle, os banheiros, são construções arquitetonicamente pensadas ao controle dos corpos. Não somente a placa que classifica de forma binária, com as palavras “feminino” e “masculino”, mas a estrutura das cabines, a arquitetura dos banheiros, a disposição dos mictórios e as cabines fechadas nos banheiros femininos. Os banheiros da universidade, são locais onde é exercida uma pedagogia da sexualidade.

Na escola, pela afirmação ou pelo silenciamento, nos espaços reconhecidos e públicos ou nos cantos escondidos e privados, é exercida uma pedagogia da sexualidade, legitimando determinadas identidades e práticas sexuais, reprimindo e marginalizando outras.

Louro (2000 p. 18), remete a forma com que a pedagogia da sexualidade, nas escolas e universidades, por muitas vezes, é discreta e sutil, entretanto, de forma duradoura, o discurso normativo, através dos professores, da arquitetura e da engenharia dos banheiros promove o processo de escolarização do corpo, disciplinando os corpos a norma, tudo que foge a norma é dito como desviante e errado.

O gênero então, como construção cultural variável do sexo, através do discurso normativo, utilizado pelo jogo de relações de poder, é histórico e culturalmente vigiado e normatizado. Através da heterossexualização compulsória, o homem é, nas relações de poder, ao longo da história, o representante do padrão, responsável pelas articulações do controle dos corpos através das relações de poder.

A humanidade é representada pelo masculino, o homem define o que é a feminilidade e o ser mulher, através dos discursos, da pedagogia da sexualidade. A sociedade patriarcal, dissemina o discurso de que a mulher não é considerada um ser autônomo, dentro das relações de poder, as mulheres são consideradas minoria, minoria esta que é histórica e socialmente colocada em segundo plano. Simone de Beauvoir (1970), em seu livro “O segundo sexo”, aponta o ocultamento da mulher na história, na economia e nos amplos aspectos. O “outro” sexo representa a mulher vista em segundo plano pela sociedade, sociedade esta em que as mulheres são constituintes de uma minoria.

Os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado handicap (...) Economicamente, homens e mulheres constituem como que duas castas; em igualdade de condições, os primeiros têm situações mais vantajosas, salários mais altos, maiores possibilidades de êxito que suas concorrentes recém-chegadas. Ocupam na indústria, na política etc, maior número de lugares e os postos mais importantes. Além dos poderes concretos que possuem, revestem-se de um prestígio cuja tradição a educação da criança mantém: o presente envolve o passado e no passado toda a história foi feita pelos homens.

Beauvoir (1970 p. 14), salienta o fato das mulheres não possuírem história, e por este fato, dificulta-se ainda mais o processo de luta pelos direitos. A única representação de poder que a mulher possuiu e possui na história é ser detentora da cria, da criança,

pelo fato de biologicamente poder ser mãe. As deusas de toda a história sempre foram retratadas a segundo plano, os homens escolhiam seus Deuses e Deusas, sempre dando foco a um Deus homem, e a mulher cabia os adorar. Para a autora, o surgimento da propriedade privada foi um fator que reforçou ainda mais a desigualdade de gênero. Se tratando da mulher como “O outro sexo”, nos traz questionamentos de o que é ser mulher?

O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes. É significativa a quantidade de material ensaístico que não só questiona a viabilidade do "sujeito" como candidato último à representação, ou mesmo à libertação, como indica é muito pequena, afinal, a concordância quanto ao que constitui, ou deveria constituir a categoria das mulheres.

Ao encontro de Beauvoir (1970), quando destaca o feminino como construção do sistema heteronormativo, Butler (1990 p.18) conversa e complementa a autora trazendo discussões do ser mulher como uma categoria que não é mais entendida em um termo estável, mas sim em um assunto a ser discutido. Uma vez que, se a feminilidade é operada e definida pelos mesmos sistemas de poder que normatizam o homem a ser o padrão, o neutro. Butler (1990) traz os debates feministas contemporâneos, sobre os significados do conceito de gênero, como são vistos de maneira a serem encarados como um problema, de forma com que a indeterminação fosse atrelada a um fracasso. Entretanto, deve-se destacar que o fato de tentar representar as mulheres dentro do feminismo de maneira unificada, tanto leva a visibilidade política como também pode ser mais uma representação normativa da linguagem. Para Butler (1990) portanto, a generalização provoca uma exclusão, não dando visibilidade e voz a multiplicidade do que é o “ser mulher”. "Contudo, além das ficções "fundacionistas" que sustentam a noção de sujeito, há o problema político que o feminismo encontra na suposição de que o termo mulher denota uma identidade comum." (BUTLER, 2003, p. 20)

Deve-se destacar que manifestações feministas ao longo da história foram cruciais a luta pelo direito das mulheres. As sufragistas⁴, no século XIX, foram um

⁴ “movimentos de luta pelos seus direitos, cuja expressão mais radical e de maior impacto foram os movimentos das sufragistas e das sufragetes em Inglaterra e nos Estados Unidos, nas duas primeiras décadas do século XX, quando as mulheres dessas nações finalmente conseguiram ser

exemplo de movimento que através de muita luta, conquistaram o direito pelo voto e a cidadania. Sendo assim, trazendo o foco a presente pesquisa, deve-se destacar a importância das discussões de gênero e sexualidade, para assim adentrar a porta dos banheiros e compreender os escritos dentro da Universidade.

2.2 Escritos de banheiro: comunicação, corpo e intimidade

O reconhecimento e temor à morte marcam um ponto crucial na história, a tomada de consciência e o aflorar de sentidos comunicacionais nos seres humanos. As primeiras pinturas e esboços nas paredes das cavernas marcam a primeira forma de escrita, de modo a expressar comunicação. Morin (198?) nos traz as imagens, símbolos e ideias, produzidas como a forma de rito e magia. “Num certo sentido, a exibição gráfica constitui a aquisição de um novo modo de expressão e de comunicação, que é a primeira escrita. Ainda não é, naturalmente, a linguagem escrita, mas já é a linguagem do escrito, com sinal ideográfico e o símbolo pictográfico” (MORIN, 198?, p. 112)

Seguindo este mesmo pensamento Norval Baitello Junior (2014) demonstra como o confronto com o medo da morte trouxe o desenvolver das imagens, e propriamente a crença das imagens como forma de trazer a eternidade. A cultura surge com o lúdico o imaginativo, a necessidade humana de produzir e consumir imagens têm aspectos históricos e culturais desde a pré história até os dias de hoje. “As imagens (e aqui não apenas as imagens visuais, mas todas aquelas imagens planas ou construtoras de superfície e superficialidades) desafiam insistentemente e reiteradamente nosso medo, pois evocam suas origens obscuras, suas raízes na noite e no insondável” (BAITELLO, 2014 p. 68)

Com o surgimento da civilização, os escritos, a cultura e as imagens, são transferidas das paredes das cavernas aos espaços urbanos. A arquitetura se responsabiliza por determinar as construções e a organização social, e como cada ambiente construído é arquitetonicamente pensado em fatores de controle, necessidades

reconhecidas como cidadãs, ganho notável que, em diferentes fases, teve eco nos países europeus e no mundo.” (ABREU, 2002, p. 444)

biológicas e psíquicas. Podemos refletir de modo que como os banheiros, enquanto construções civis, nos remetem a um lugar em que existe não só um sentido biológico e necessário, mas com características psicológicas que tecem redes entre os indivíduos. Assim como Hillman, em seus estudos trazia sentidos psíquicos a arquitetura e ao urbanismo “Cada coisa de nossa vida urbana construída tem uma importância psicológica” (HILLMAN, 1993, p. 9)

A realidade psíquica humana, psique, é projetada e expressa, não somente na arquitetura, mas também, como os grafitos, desenhos e frases, as imagens produzidas nestes ambientes, externalizam a realidade psíquica, sendo a mesma, reflexo da vida urbana. De acordo com Anderson e Verplanck (1983 apud TEIXEIRA e OTTA 1998) “Em Pompéia, antiga cidade Romana, eram frequentes escritas nas paredes dos banheiros residenciais. O ato de expressar opiniões e emoções em paredes de sanitários é milenar”.

Por se tratar de um meio de comunicação, os escritos de banheiro, transmitem mensagens aos receptores, sendo também uma rica fonte de dados para pesquisas de discussões de gênero e sexualidade. Ao estudar grafitos de banheiro, Teixeira e Otta (1998, p. 232) analisaram a expressão de tais impulsos, sob a circunstância do anonimato:

Na esfera reservada de um banheiro, onde o anonimato é assegurado, idéias podem surgir sem censura externa. Assim, os grafitos podem servir como um canal seguro para a expressão de impulsos sexuais. No entanto, essa autonomia conferida pela situação de anonimato poderia ser relativa: se, por um lado, não há censura externa, por outro, existem regras internalizadas que levam as pessoas a se submeter a uma censura interior.

A censura interior, citada por Teixeira e Otta, pode ser interpretada como as normas vigentes no sistema heteronormativo. Ora, se o indivíduo encontra-se em um ambiente de jogos e relações de poder, o mesmo não está distante das Universidades e dos sanitários. O banheiro passa a ser um reflexo do mundo além das cabines, lá são expressas através da linguagem angústias e discursos já vivenciados. O anonimato, é assegurado evidenciando a liberdade da escrita, entretanto, o indivíduo não se desvincula de suas ideologias construídas ao longo da vida.

O espaço dos banheiros é íntimo, o anonimato é revestido pelas cabines fechadas, entretanto a cabine é de uso público. Isso caracteriza um paradoxo, que consiste no fato do banheiro ser um espaço de intersecção entre o público e o privado. Franciscon, et. al. (2011, p. 230), ao estudar os grafitos de banheiro analisou o comportamento do indivíduo no espaço público, de maneira que, seu comportamento se difere ao comportamento privado,

No espaço público, em meio à massa, a identidade civil daquele que performa o ato é, de alguma maneira, preservada. Por outro lado, o indivíduo está sujeito a exposição pública de seu corpo e dos seus atos físicos, e, por conta dessa “exposição”, acaba restringindo sua forma de agir, por vontade própria, por vergonha, ou por medo de ser punido individualmente.

Logo, o usuário dos sanitários dentro da Universidade Estadual de Maringá, ao mesmo tempo que é assegurado sua intimidade dentro das cabines pela sua arquitetura fechada, é assegurado também seu anonimato, por se tratar de um ambiente público em questão.

As discussões de gênero e sexualidade nos demonstram como as diferenças de gênero, bem como, o próprio gênero, são construídos dentro das relações de poder presentes na sociedade heteronormativa. Estar dentro das cabines dos banheiros, por se tratar de um ambiente público, entretanto com a privacidade da intimidade, proporciona ao usuário um ambiente em que se sente livre a escrever e expressar suas emoções e angústias. A partir de agora, passa-se a analisar as frases escritas, sob um viés histórico e cultural, tecido sob as relações de poder de nossa sociedade.

2.3 Análise dos escritos de banheiro

A pesquisa foi dividida em duas etapas bem definidas: coleta e análise de dados. Na primeira parte do trabalho, foram capturadas fotos dos banheiros ditos “femininos” e “masculinos” sendo então, 6 pares de banheiros dentro do Campus Sede, respectivamente: M05, H12, H78, G56, 039 e 041. É importante destacar que, 039 e 041 são propriamente o número de identificação dos banheiros, localizados na parte mais antiga do campus são separados dos blocos de salas de aulas sendo coletivos a vários

alunos de blocos e cursos, e de áreas distintas, sendo de acesso mais fácil a comunidade externa. Os banheiros blocos M05, H12, H78, são anexados ao bloco, em decorrência de serem construções mais recentes dentro do campus. As primeiras visitas foram realizadas no dia 24 de fevereiro de 2017.

Nos banheiros masculinos foram selecionadas, 38 frases escritas, muitas das frases encontradas não eram legíveis pelo tempo e material utilizado na escrita, outras frases possuíam erros ortográficos que comprometem o entendimento do texto. Das 38 frases, destaca-se que 19 possuem cunho sexual. As frases de cunho sexual foram uma questão recorrente dentro dos banheiros masculinos, muitas das frases aparentavam se tratar de um meio entre os usuários em que comunicava-se sexo e dentro daquele ambiente se garantia seguramente o anonimato. Simone de Beauvoir (1970) ao tratar do falo, trouxe um termo que representa, como o mesmo, é evidenciado pelas situações viris em que o homem deve manifestar, a medida do próprio valor está no comprimento de seu pênis, na sua ereção e em suas características transmitidas de forma viril. “O termo falo, por exemplo, designando muito precisamente a excrescência carnosa que é o sexo do macho — ora num sentido indefinidamente ampliado e adquirindo um valor simbólico. Então, o falo exprimiria todo um conjunto do caráter e da situação viris.” (BEAUVOIR, 1970 p. 59).

À vista disso, a sociedade ao qual o heteronormativo opera, com o machismo e a virilidade, as mesmas, representam forças psicológicas e políticas exercidas no corpo dos indivíduos. Quando Michel Foucault (1976), em seus estudos, trouxe que se fala de sexo, porém pessoas e locais específicos que teriam tal espaço de fala, evidenciamos a figura do homem no local de fala. Falar sobre sexo heterossexual para os homens não se trata de tabu ou ato de repressão, a heterossexualidade e a virilidade são estimuladas desde criança. As frases sexuais nos banheiros representam como, mesmo de forma anônima, o banheiro masculino é um espaço em que a “pedagogia da sexualidade”, com termos de Guacira Lopes Louro, é exercida. Pode-se destacar também, a presença de procura por relações sexuais homoafetivas dentro dos banheiros masculinos, trocando-se email, telefones e informações do tamanho do pênis e de ser ativo ou passivo. A homossexualidade, dentro do sistema da heterossexualidade compulsória, é

repreendida e qualquer indivíduo que demonstre interesse sexual que não seja pelo sexo oposto, é veementemente repreendido, uma vez que foge do normativo dentro da sociedade heterossexista. O normativo, por sua vez é representado pelo homem hétero, dentro das relações de poder, ocupando cargos dentro da medicina e do governo. Foucault (1976, p.28), ao analisar a sociedade no século XVIII, chama a atenção para o fato de o normativo ver o sexo como um problema de natalidade e de controle populacional a ser resolvido através da política e da economia, forma-se uma estratégia de observação do sexo da população.

É verdade que já há muito tempo se afirmava que um país devia ser povoado se quisesse ser rico e poderoso. Mas é a primeira vez em que, pelo menos de maneira constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados não somente ao número e à virtude dos cidadãos, não apenas às regras de casamentos e à organização familiar, mas à maneira como cada qual usa seu sexo.

Ao encontro de Foucault, Butler (2003) destaca como qualquer manifestação que saia do heteronormativo, é sistematicamente repreendida como forma de controle dos corpos "As imagens corporais que não se encaixam em nenhum desses gêneros ficam fora do humano, constituem a rigor o domínio do desumanizador e do abjeto, em contraposição ao qual o próximo humano se estabelece." (BUTLER, 2003, p. 162)

Outro aspecto que pode ser evidenciado na análise, é a presença do uso de nome de pessoas com a conotação pejorativa e com o número de celular e *email* divulgados como forma de deboche e depreciação. A ridicularização do homossexual também faz parte do ambiente, como forma ideológica do sistema heterossexual, qualquer manifestação que fuja do binário é excluído e reprimido. O espaço do banheiro, por ser público, aberto aos demais usuários utilizarem, demonstra como, de certa forma, os indivíduos que não se encaixam dentro do sistema heteronormativo, com as imposições e construções do masculino do falo, desde criança, dentro dos espaços das cabines dos banheiros, encontram um lugar para seus desejos sexuais sem serem reprimidos. Pode-se destacar como a partir de reflexões de Louro, Butler, Beauvoir e Foucault enxerga-se diferentes interpretações sobre os grafitos, frisando sempre a presença forte da construção social do gênero na vida de cada pessoa.

Nos banheiros femininos , 039 e H12 pode-se observar um outro lado das frases de cunho sexual dentro dos banheiros. Tais blocos possuem frases de cunho sexual, muitas vezes político, o bloco H78 não possuía frases escritas nas portas propriamente, porém destaca-se uma colagem: “Proibido uso do chuveiro feminino por homens”. Chama a atenção, o fato de ser proibido o uso do chuveiro dito “feminino” por homens, uma vez que sexo não limita gênero. A feminilidade pressuposta pelas usuárias do banheiro dito “feminino” não é uma condição intrínseca ao ser mulher, mas sim a feminilidade trata-se de uma construção social do indivíduo dito “mulher” na sociedade heteronormativa.

Diante desta questão, questiona-se então, o que é ser homem e o que é ser mulher? Butler destaca como o sexo não pode ser entendido como reflexo do gênero, para a autora, existe uma infinidade de interpretações e performances. Tais performances são realizadas com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária "Se o sexo não limita gênero, então talvez haja gêneros, maneiras de interpretar culturalmente o corpo sexuado, que não são de forma alguma limitados pela aparente dualidade do sexo." (BUTLER, 2003, p. 163)

Butler (2003, p. 18) quando analisa e faz crítica às tentativas dos debates feministas contemporâneos de prescrever uma identidade universal ao feminismo, destaca como, a própria categoria de ser “mulher” não é mais compreendido como algo fixo e permanente.

O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes. É significativa a quantidade de material ensaístico que não só questiona a viabilidade do "sujeito" como candidato último à representação, ou mesmo à libertação, como indica é muito pequena, afinal, a concordância quanto ao que constitui, ou deveria constituir a categoria das mulheres.

Entende-se que o gênero, segundo Butler, não pode ser construído como uma identidade estável, por sua vez o gênero é “uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos." (BUTLER, 2003, p. 200)

Nos blocos 039 e H12, por sua vez, deve-se salientar frases que movimentam politicamente e transmitem mensagens de cunho sexual. “Uma universidade para todas!”, “Se liberta gata homem nenhum é seu dono!”, “Fim do heteropatriarcado”, “Quem vê buceta não vê pelo”, “Esse ano vota em mina pô” são frases do banheiro 039 que chamam a atenção por sua conotação dentro do ambiente em questão. Simone de Beauvoir, ao trazer o termo “O segundo sexo”, nos demonstra como, a mulher é histórica e socialmente vista em segundo plano pela sociedade, sociedade esta em que as mulheres são constituintes de uma minoria. Por conseguinte, a posição da mulher dentro da universidade, é como o “Outro sexo” o segundo plano nos amplos aspectos da vida e de forma aguda na academia. Para Beauvoir (1970, p. 172), é importante salientar desde aquela época e até hoje, os homens detêm das informações, melhores empregos e estão muitas vezes dominando dentro das relações de poder da nossa sociedade.

Mas o período que atravessamos é um período de transição; este mundo que sempre pertenceu aos homens ainda continua nas mãos deles; as instituições e os valores da civilização patriarcal sobrevivem a si mesmos em grande parte. Os direitos abstratos ainda estão longe de ser integralmente reconhecidos em toda parte às mulheres. (...) E os direitos abstratos, acabamos de dizê-lo, nunca bastaram para assegurar à mulher uma influência concreta sobre o mundo; entre os dois sexos não existe ainda hoje, verdadeira igualdade.

Deve-se destacar também que as frases presentes no banheiro 039 como também do H12 “viva la vulva”, “ame seu corpo”, “O feminismo nunca matou ninguém O machismo mata todos os dias”, “+ siririca” representam um papel político importante na universidade, uma vez que outras mulheres recebendo tais mensagens interpretarão e farão reflexões dentro do ambiente para a vida. Por outro lado, questiona-se então por quê escrever tais frases nas paredes dos banheiros, asseguradas pelo anonimato? As frases generalizam e trazem identidade ao movimento, em contraponto, Butler (2003, p. 18), expõe como os debates feministas contemporâneos, a respeito dos significados do conceito de gênero, levam repetidamente a uma certa sensação de problema, como se a indeterminação de uma identidade pudesse gerar o fracasso do feminismo.

Por um lado, a representação serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às

mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres.

Uma identidade comum ao feminismo, para Butler, não contemplaria a ampla variedade que constitui o sujeito mulher, não sendo mais compreendido em termos estáveis e permanentes. A autora destaca, como a crítica feminista “deve compreender como a categoria das "mulheres", o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se a emancipação." (BUTLER, 2003, p. 19)

Asseguradas pelo anonimato, as frases são escritas sem levar em conta os debates de gênero e sexualidade sobre o que é ser mulher. A construção e a identidade de cada pessoa é moldada segundo as normas e culturas do ambiente. Butler destaca que a crítica feminista "tem de explorar as afirmações totalizantes da economia significante masculinista, mas também deve permanecer autocrítica em relação aos gestos totalizantes do feminismo." (BUTLER, 2003, p. 33)

A binaridade simplifica de forma errônea a grande variedade de interpretações sexuais que possam existir. O sexo não é inculcado ao gênero, o gênero é a construção cultural variável do sexo. O indivíduo é construído e tecido sob um aspecto que enquadra no binário, entretanto, o binário é uma classificação falha do sistema heteronormativo, que através do biopoder, do controle dos corpos, perpassa as cabines dos banheiros adentrando as salas de aula, as casas, a todos os ambientes.

3 Considerações finais

Através de todas as frases presentes no ambiente em questão, pode-se evidenciar como, a distinção sexual aparece representada nos escritos dos banheiros da Universidade Estadual de Maringá, tecida sob as construções presentes no sistema heteronormativo. Desse modo a construção histórica e cultural do indivíduo, no âmbito das relações de poder, dentro do espaço dos banheiros, levando em conta agora o ambiente como uma construção arquitetonicamente pensada. Através do Biopoder, o

sistema constrói e tece por meio da estrutura do binário um sistema de sexualidade compulsória, que preza o controle de natalidade e o controle dos corpos.

Pode-se evidenciar, que a divisão binária perpassa as placas restritivas dos banheiros em “feminino” e “masculino” e tange aspectos da linguagem e da comunicação. A própria linguagem humana, propriamente é instrumento de docilização dos corpos e a distinção de gênero presente em amplos aspectos culturais.

REFERÊNCIAS

ABREU, Zina. **Luta das mulheres pelo direito de voto: movimentos sufragistas na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos**. Arquipélago História, 2ª série, VI, 2002.

BAITELLO Junior, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4ª edição, São Paulo, 1970.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Ed. Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 2003.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Vol. 13ª ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FRANCISCON, Taís; PERINA, Ivan de Salles; PIZZI, Luana Ercolin. **Letramentos marginais na universidade: o caso das pichações em banheiros**. In: Língua, literatura e ensino, Vol. 11, outubro, 2011.

HILLMAN, James. **Cidade & Alma**. Tradução de Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo, Studio Nobel, 1993.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte, 2ª Ed, Autêntica, 2000.

MAIA, C. Antônio. **Sobre a analítica do poder de Foucault**. Tempo Social, Rev. Sociol. USP, São Paulo, outubro 1995.

MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Tradução de Fernando de Castro Ferro. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

TEIXEIRA, R. P.; OTTA E. **Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero**. Estudos de Psicologia, São Paulo, 1998.